

Alessandro Manenti

COMPREENDER
E ACOMPANHAR
A PESSOA HUMANA



*Manual teórico e prático
para o formador psicoespiritual*



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manenti, Alessandro

Compreender e acompanhar a pessoa humana : manual teórico e prático para o formador psicoespiritual / Alessandro Manenti ; tradução de Paulo F. Valério. – 1. ed. – São Paulo : Paulinas, 2021.
304 p. (Em busca de Deus)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-017-6

Título original: *Comprendere e accompagnare la persona umana*

1. Direção espiritual - Aspectos psicológicos 2. Psicologia religiosa
2. Espiritualidade I. Título II. Valério, Paulo F.

20-2268

CDD 253.53

Índice para catálogo sistemático:

1. Direção espiritual – Aspectos psicológicos 253.53

Angélica Ilacqua – Bibliotecária – CRB-8/7057

Título original da obra: *Comprendere e accompagnare la persona umana.*

© 2013 Centro editoriale dehoniano via Scipione Dal Ferro, 4 - 40138 Bologna

www.dehoniane.it

EDB®

1ª edição - 2021

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Tradução: *Paulo F. Valério*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2021

TEXTOS DE REFERÊNCIA E SIGLAS

- AIF IMODA (ed.), *Antropologia interdisciplinare e formazione*, EDB, Bologna 1997.
- AVC/1 L. M. RULLA, *Antropologia della vocazione cristiana*, 1: Basi interdisciplinari, EDB, Bologna 1987.
- PeF A. CENCINI; A. MANENTI, *Psicologia e formazione*. Strutture e dinamismi, EDB, Bologna 2010.
- PP A. MANENTI, *Il pensare psicologico*, EDB, Bologna 1997.
- PRSeFO A. MANENTI; S. GUARINELLI; H. ZOLLNER (eds.), *Persona e formazione*. Riflessioni per la pratica educativa e psicoterapeutica, EDB, Bologna 2007.
- SvU F. IMODA, *Sviluppo umano, psicologia e mistero*, EDB, Bologna 2005.
- VI/1 A. MANENTI, *Vivere gli ideali/1*: Fra paura e desiderio, EDB, Bologna 2001.
- VI/2 A. MANENTI, *Vivere gli ideali/2*: Fra senso posto e senso dato, EDB, Bologna 2003
- 3D Revista: *Tredimensioni; psicologia, spiritualità, formazione*, periódico quadrimestral, Ancora, Milão. Os artigos da revista (exceto os dois últimos anos) podem ser baixados do site do Instituto superior para formadores, disponível em: <<http://www.isfo.it>>.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. GRANDE CORAÇÃO, PEQUENO CORAÇÃO	15
Nem anjo nem animal.....	16
Cidadão de dois mundos.....	17
Respeitá-lo como é	18
O grande coração	19
O pequeno coração.....	20
Aceitar também o pequeno coração	21
Duas categorias de importância.....	22
Duas sensibilidades.....	25
Duas predisposições a responder	26
Duas fontes energéticas: necessidades e valores	27
Duas modalidades de projetar-se	28
Mas um único coração	29
2. UM ÚNICO CORAÇÃO. A DIALÉTICA BÁSICA E O PENSAR CONJUNTO	31
Relação dialética	32
Diversidade, mas não antagonismo.....	33
Presença simultânea de dois polos	35
Se vejo um polo, não devo esquecer-me de que existe também o outro, embora não o perceba de imediato.....	38
Um polo informa a respeito do outro (inclusão).....	40
Respeitar e não abolir a dialética	43
O pensar conjunto e as leis da psicodinâmica	44
Por que a dialética básica é o ás na manga do educador?	45
Uso da noção de dialética nos colóquios	53

3. ACOMPANHAMENTO: OBJETIVOS E ETAPAS.....	61
Visão de si e da vida que não dê pretexto para expectativas irrealistas (informar-se sobre o funcionamento humano).....	64
As configurações pessoais da dialética (falar de si)	67
Na expectativa realista de que, no futuro, a dialética assumirá outras formas sempre novas e inéditas	71
Na sua gestão igualmente paradoxal: quanto mais a dialética se torna consciente e aceita, mais fácil é administrá-la e mais favorece os <i>seres humanos</i> e, específica e surpreendentemente, os cristãos, que podem fazer da própria vida um dom de si	73
4. ENTRAR NA INTERIORIDADE.	
O CASO DA AVENTURA DE SOBREVIVÊNCIA	83
Identificação	83
Reação emotiva do formador	83
Acolher o problema apresentado	84
Explicação do problema dada pelo cliente	85
Como o cliente se define.....	87
Estilo habitual de vida.....	87
Alguns episódios significativos.....	88
Relações de afeto	90
Compreender	91
Captar o estilo de vida	94
Análise e intervenções em setores: do global ao particular	97
5. DEFINIÇÃO DE INTEGRAÇÃO PSICOESPIRITUAL E DE <i>WILLINGNESS</i>	105
Centro vital: exigência universal e psíquica	105
Integração como processo e não como estado final.....	106
Integração como expansão e versatilidade das experiências afetivas.....	108
O lugar da integração é a “predisposição interior à resposta” ...	112

Integração em sentido cristão	115
Estratégias operantes	117
6. MATURIDADE PSICOLÓGICA E MATURIDADE ESPIRITUAL...	125
Polos diferentes.....	126
Polos parcialmente autônomos.....	135
Polos parcialmente entretecidos.....	136
Qual delas tem a primazia?	144
Observar o funcionamento básico.....	145
7. COMO LEVAR À ESCUTA DE SI: COMEÇO DOS COLÓQUIOS E CONTRATO DE TRABALHO	151
Conservar o tema do ideal ao real.....	152
Escutar a si mesmo enquanto escuta o outro.....	153
Exemplo de um primeiro encontro errado	155
Exemplo de um primeiro encontro correto	161
Conclusão do encontro: estabelecer o contrato	170
Previsões acerca do próximo encontro	171
8. CONSTRUIR A ALIANÇA E TIPOS DE INTERVENÇÃO	175
Para construir a aliança	175
Tipos de intervenções da parte do acompanhador	179
O fascínio e a ilusão da interpretação	187
Interligar em vez de psicanalisar	191
9. AS RESISTÊNCIAS	193
Um relato de luta	195
Resistências abandonadas e recuperadas: o caso de Sandra	197
As resistências do orientador	205
As resistências não aparecem no início do caminho	206
Sentir as resistências em ação: o caso de Silvano.....	209
Há muitos modos de resistência.....	215
Sinais de resistência	217
Uma resistência especial: os valores fluidos	220

O que fazer?.....	221
É resistência ou dificuldade objetiva?	223
10. DEUS TAMBÉM ESCREVE?.....	229
Onde buscar os rastros de Deus?.....	230
Necessidades psíquicas conjuntas e mensagem de vida	232
Deus pressiona para dar-se a conhecer.....	235
Método: uma leitura com dois acessos	237
Por que não se vê?.....	238
A propósito do recurso à Palavra de Deus	244
11. COMO DESCOBRI-LO	247
Método de leitura	247
Ter certeza da presença de outra trama.....	252
Função crítica do educador	256
Atenção aos detalhes.....	259
12. DENTRO E ALÉM DO PSÍQUICO: O CASO DE SOFIA.....	261
Alguns dados.....	261
Entremos em sua espiritualidade	263
Entremos nos detalhes de sua experiência	266
Entremos em seu estado emotivo.....	268
Em vez de arder, queima	269
Mas não se apaga.....	271
... Após quatro anos, volta	273
13. TRATAR O TEMA ESPIRITUAL	275
Os assuntos espirituais: não desperdice a oportunidade	276
Não se dão miniaulas de teologia.....	279
Ter um projeto	281
Primeiro encontro: individuação do aspecto vulnerável.....	285
Segundo encontro: à procura do conflito central	290
Terceiro encontro: agredir o problema	294
Quarto encontro: viver o problema	298

INTRODUÇÃO

O acompanhador, no trabalho com o cliente, precisa de três instrumentos: uma teoria, uma estratégia de intervenção e técnicas operativas.

Uma teoria que lhe informe como funciona a pessoa humana e, tratando-se de acompanhamento psicoespiritual, de como é a pessoa cristã; portanto, noções de psicologia psicodinâmica e de antropologia cristã.

Uma estratégia, ou seja, reconhecer onde o cliente se encontra atualmente e, por conseguinte, elaborar um plano de ação de curto e de longo prazo que contenha os objetivos e os modos de entrar na vivência do cliente, a fim de justificar as ações que, pouco a pouco, serão adotadas. O termo “estratégia”, embora relacionado à arte militar, descreve bem a ideia.

Técnicas operativas, ou melhor, discernimentos “prontos para o uso”, aos quais recorrer, conforme a necessidade, e no momento presente.

Normalmente, da parte de um acompanhador ingênuo, a pergunta pelas técnicas é a mais frequente; a que diz respeito às estratégias, um pouco menos e a que diz respeito à teoria de referência, quase nada. Visando possuir um receituário para cada caso, a ser usado automaticamente, exime-se de arriscar-se com quem está diante de si, ou seja, de justificar-se por que optou por intervir de determinada maneira e não de outra.

O livro concentra-se na estratégia. Se for clara e consciente, será fácil criar as técnicas apropriadas.

Não há estratégia se não houver uma teoria que a justifique. A teoria de referência é a “antropologia da vocação cristã”

(AVC) – elaborada com método indutivo e interdisciplinar, a partir dos anos 1960 e ainda em vigor, pelo Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Gregoriana restritamente conhecida como “escola de Rulla”¹). Da teoria – bem mais elaborada de quanto aqui é referido –, o livro retoma apenas os elementos mais diretamente constitutivos da estratégia aqui proposta (caps. 1-3; 5-6). Vale a pena lembrar que AVC não é uma teoria nascida da mente de pensadores ociosos, mas de pensadores que refletem sobre o que ouviram e compreenderam a partir da escuta das pessoas. Essa teoria traçou um sulco sobre o qual, no tempo e ao longo de etapas cronológicas, se desenvolveu um método e um percurso formativo bem preciso: na Itália, o Instituto Superior para Formadores (1977), a revista *Tredimensioni* (2004) e outras treze escolas para educadores em várias nações do mundo (www.isfo.it).

Tratando-se, pois, de acompanhamento psicoespiritual, a dimensão finalística (dos valores) desempenha um papel importante, na medida em que acompanhar significa favorecer no cliente uma urdidura entre o que ele é (o mundo do sentir) e o que deseja tornar-se (o mundo do querer), no desejo de que aquilo que sente seja também o que quer, e o que quer seja também o que sente. O entrelaçamento confere aos dois termos – sentir e querer – um significado agregador em relação à sua definição autônoma (cap. 5). Para este aspecto concernente aos valores, refiro-me às minhas duas publicações anteriores: *Viver os ideais/1: entre o medo e o desejo* (o que acontece em nós quando nos damos conta de que na vida existe também o mundo dos valores?) e *Viver os ideais/2: entre sentido atribuído e sentido dado* (o que acontece em nós

¹ Está acessível nas publicações dos professores do Instituto, em grande parte publicadas na coleção “Psicologia e Formação”, desse mesmo livro. De modo particular *AVC/1, SvU, AiF, PeF*.

quando decidimos encaminhar-nos pela estrada dos valores)². Outro texto útil de referência é o de S. Guarinelli, *Psicologia della relazione pastorale*,³ em que se descrevem muitas dinâmicas implicadas no crescimento psicoespiritual, tratadas no mesmo contexto teórico e metodológico deste livro.

Um esclarecimento sobre os termos usados. Em conformidade com a tendência já assumida em uma publicação precedente⁴ e mesmo sabendo que colóquio psicoterapêutico e colóquio de acompanhamento psicoespiritual são procedimentos diferentes, os dois termos são usados de modo intercambiável por várias razões. O campo espiritual engloba *tudo* o que implica *toda* a pessoa; portanto, não é uma alternativa ao campo psicológico, mas inevitavelmente o atravessa. Por outro lado, o colóquio psicoterapêutico pode ser totalmente destacado do âmbito espiritual (ao passo que o contrário é menos provável), mas se não se limita a curar os sintomas e se quer favorecer uma humanização sempre melhor do cliente, aparecerão – principalmente em sua fase final – perguntas definitivas que invocam respostas definitivas. Com efeito, ambos os percursos partilham técnicas de investigação (caps. 4, 8, 11), muitas dinâmicas relacionais (por exemplo, a aliança: cap. 8) e muitas etapas (por exemplo, a das resistências: cap. 9). A descontinuidade entre os dois procedimentos será observada, porém, quando entrarmos explicitamente (caps. 10-13) nas dinâmicas tipicamente espirituais, as quais mantêm e pressupõem as dinâmicas psicológicas, mas também as superam.

² VI/1; VI/2.

³ S. Guarinelli, *Psicologia della relazione pastorale*, EDB, Bologna 2008.

⁴ *PeF*.

O uso igualmente permutável e, portanto, a opção de não entrar nas devidas distinções vale para outros termos: formação e/ou educação,⁵ formador/educador, cliente/discípulo, guia/acompanhador, masculino/feminino. De modo especial, a palavra “cliente” pode parecer em desarmonia com o contexto formativo, mas ela também lembra que toda relação formativa pressupõe um pacto, um contrato implícito, uma distinção de papéis, um serviço exigido e uma prestação oferecida. O profissionalismo em nada diminui a generosidade.

A respeito das referências bibliográficas e das notas, em torno dos temas do livro, a lista é quase infinita, seja pelo aspecto espiritual, seja pelo psicológico. Escolhi reduzi-la ao mínimo necessário, ou seja, aos textos sobre cuja trilha se encaminha o método aqui proposto. As notas, portanto, não são uma ostentação de cultura, mas um convite a que o leitor considere os textos ali citados como parte integrante do presente livro. Quanto ao mais, a primeira fonte de inspiração de tudo o que está escrito aqui não é a literatura existente, mas minha maneira de proceder. Não peço que seja copiada, mas que dela se possa colher o espírito de aproximação ao cliente. Referências abundantes, ao contrário, serão reservadas para os artigos da revista *Tredimensioni*: sua proposta reproduz a deste livro, e seus artigos detêm-se de maneira mais pormenorizada sobre muitos dos temas tratados aqui.

E, por fim, o conhecido provérbio chinês: “Quando uma pessoa justa usa meios equivocados, age de maneira justa. Quando uma pessoa equivocada usa meios justos, age de maneira equivocada”.

⁵ A. Cencini, “Formazione: parola magica”, in *3D* 3(2004), 277-295; D. Pavone, “Educare e formare non sono la stessa cosa: per una pedagogia della coscienza”, in *3D* 1(2011), 21-28.

1

GRANDE CORAÇÃO, PEQUENO CORAÇÃO

O primeiro instrumento do formador é ter noção de como funciona a psique humana no que tange ao seu processo de humanização. Sem essa antropologia básica, vai ser difícil a ele não se perder nos detalhes, verificar o crescimento global da pessoa a quem está ajudando e respeitar-lhe a sublimidade.¹

Em segundo lugar, a formação concentra a atenção sobre o âmbito da interioridade subjetiva, que é o espaço interior onde a pessoa elabora a forma que deseja dar à sua existência, não somente no sentido operativo do termo (o que fazer), mas como um tipo de presença por si mesma, como um modo de autoapropriar-se, e não apenas de conhecer-se. Portanto, será preciso entender algo sobre o funcionamento da interioridade também no aspecto teórico.

Por estas razões, começo por apresentar (somente) aqueles elementos da antropologia da vocação cristã (AVC) essenciais para o agir prático, os quais considero ser dever do formador conhecer também do ponto de vista da teoria.

¹ A. Manenti, “Il perché di una formazione specifica del formatore”, in *Seminarium* 4(2000), 715-747.

NEM ANJO NEM ANIMAL

Não há diferença entre as ovelhas pré-históricas e as de hoje. Muitas coisas mudaram, mas as ovelhas continuam a pastar inconscientemente a erva, exatamente como as da pré-história. Pouco se importam se no céu, hoje, além dos pássaros, voam aviões supersônicos ou satélites artificiais. Por quê? Porque a natureza as munuiu somente com instintos e não com autoconsciência. O instinto é uma percepção programada que determina uma resposta programada, mas – interiormente – as ovelhas são anônimas. Podemos até mesmo dar um nome a cada uma delas, mas, a elas, nada se lhes acrescenta: continuarão simplesmente a pastejar a erva. Por isso, é fácil criar um rebanho, ao passo que é difícil educar um grupo de crianças.

O homem é autoconsciência a ser primeiramente encontrada antes de ser exercitada. Aberto à experiência, pode perceber também o mundo que vai além do próprio nariz. Não vive somente no momento presente. Tem um rosto, um nome, uma história, uma capacidade criativa. É capaz de elevar-se acima do lugar que ocupa a fim de alcançar, com seu pensamento, os segredos mais recônditos do cosmo e pode descer até os recantos mais profundos da própria interioridade; pode alargar a curiosidade até os séculos passados e projetar sua imaginação nos séculos futuros. Com propriedade, pode-se dizer que o homem é um pequeno deus em miniatura.

Mas há também o reverso da medalha. Não é anjo. Permanece criatura limitada e contingente. Morre e tornar-se-á pasto para os vermes. Pode alcançar as estrelas, mas permanece ligado à terra. É livre, mas também limitado pelo seu corpo, que define e morre. É um pequeno deus em miniatura, mas também – seja-me permitida a expressão – é um deus que vai ao banheiro.

CIDADÃO DE DOIS MUNDOS

Aqui está seu drama e sua missão: respeitar e conciliar esses dois mundos tão diferentes. Viver, então, significa levar em conta esse paradoxo do qual estão livres os animais e os anjos: os primeiros, por excesso de finitude, e os segundos, por excesso de infinitude. Cabe ao homem permanecer em equilíbrio entre esses dois mundos; em primeiro lugar, respeitando a ambos; em seguida, buscando explorar ambos em seu favor, ou seja, ligá-los entre si de modo que o contato não destrua, mas dê a energia que faz viver.

Esse paradoxo básico se percebe em tantas questões antropológicas que a existência humana nos coloca e que estão subentendidas nas questões mais contingentes provocadas pela vida cotidiana. Por trás do “hoje estou preocupado”, “hoje não compreendo bem o que devo fazer”, “hoje me saí bem...”, movem-se questões de vida que, ao contrário, o teólogo, o filósofo ou o poeta enfrentam de modo direto e explícito. Algumas destas: o que fazer para conservar o entusiasmo juvenil, mesmo depois de haver colhido insucessos e desilusões? Como conciliar o mundo invisível e imenso dos desejos com o mundo visível e, amiúde, mesquinho do cotidiano? No mundo finito, que muda, é possível perseguir um ideal infinito, que não muda? Ambicionar um ideal infinito e ilimitado está ao alcance das operações finitas e limitadas do homem? E para nós, cristãos: como fundamentar-nos completamente em Deus, confiar-nos inteiramente a ele e, ao mesmo tempo, basear-nos ainda em nossas forças como qualquer outro ser humano apaixonado? (Não é raro que quem confia em Deus considere suspeito o apelo a contar somente consigo mesmo ou, ao contrário, que quem tem o controle de si mesmo prescindia de Deus). Como podemos aceitar sermos criaturas

mortais e, simultaneamente, sentir que somos imagem de Deus? Para retomar a expressão descortês mencionada anteriormente, mas, ainda assim, eficaz: não é fácil continuar a considerar-se pequeno deus quando se está sentado no vaso sanitário; como não é fácil lembrar-se de que cedo ou tarde se volta ao banheiro quando – em nossos melhores momentos – nos sentimos um pequeno deus. A depressão e a onipotência estão sempre à espreita.

Acompanhar as pessoas é “simplesmente” isso. Cristãos ou não, o nó da questão é sempre o mesmo: conjugar nossos dois mundos.

Essa missão paradoxal da existência humana se torna, no âmbito da pesquisa científica, a tarefa de integrar a espiritualidade e a psicologia. Assim como o homem comum deveria esforçar-se para viver no dia a dia seus ideais, também o estudioso deveria esforçar-se por integrar o que o homem de fato é (psicologia) com aquilo que é chamado a ser (espiritualidade). Tal como o homem comum, também o cientista pode cair nos dois perigos expostos acima: de um lado, o psicologismo depressivo que, em nome dos condicionamentos sociopsíquicos, nega a possibilidade da vida espiritual, e, de outro, o espiritualismo onipotente que nega ou não leva em consideração o terreno humano sobre o qual a idealidade deveria inserir-se.

RESPEITÁ-LO COMO É

Daqui já se pode ver que acompanhar significa ajudar a pessoa a circular com tranquilidade dentro dos dois mundos que são os únicos disponíveis a ela para realizar-se. A fim de não abusar da paciência do leitor, deixo-lhe a concretização deste conceito brincando com a metáfora do pequeno deus

que vai ao banheiro. O acompanhamento deixa as coisas como estão, mas com a variante não tão pequena de ajudar a conjugar o mundo do finito e do infinito, sem desprezar um para salvar o outro. Seu lema: respeito o que és para realizares o que desejas.

Operativamente, pode-se partir do pequeno coração ou do grande coração, do mundo do finito ou do mundo do infinito, da psicologia ou da espiritualidade. O importante é que um polo englobe o outro para a própria realização. Qualquer que seja o ponto do qual se parte, é essencial integrar os dois elementos: mundo e pessoa. Para sentir-se bem, não basta analisar a situação contingente na qual alguém se encontra (o mundo do limite), mas é preciso encontrar a meta por que viver (o mundo do desejo). Não basta analisar o fim, mas é imperioso ver como nos movemos no pequeno recinto no qual se desenvolve a vida cotidiana.

O GRANDE CORAÇÃO

Abrimo-nos ao mundo sob o impulso do *intelecto*, que quer conhecer o que é verdadeiro, sob o estímulo da *vontade*, que busca o que também é bom, sob pressão do *afeto*, que não se contenta com o verdadeiro e bom, mas procura o que é também amável. E não acaba aqui. O objeto amável posso ser eu mesmo, minha vida de que devo cuidar, respeitar, honrar mediante a aquisição de um eu sempre mais verdadeiro, mais autêntico (amor egocêntrico). Em seguida, em um passo posterior de abertura, o amor pode abrir-se ao outro, a um tu ou a uma comunidade humana a ser salvaguardada, incrementada, socorrida (amor filantrópico-social). E ainda não basta: em um passo posterior, posso ambicionar ultrapassar esses confins para amar a Deus, que também me

atrai a fazê-lo (amor teocêntrico), e, ainda mais, amar como Jesus amou. Realmente um grande coração. O registro da vida é imenso, prolonga-se e alarga-se sempre mais.

O PEQUENO CORAÇÃO

O objeto verdadeiro, bom e amado (seja minha vida, o próximo ou Deus), assim ardentemente conhecido, querido e amado, maltratamo-lo com igual inteligência, vontade e paixão. Nós mesmos nos privamos do que ardentemente desejamos ou, pelo menos, empobrecemo-lo. Não porque sejamos maus, mas porque somos humanos. Se assim não fosse, não haveria necessidade de educar. Não haveria necessidade de redenção. Não haveria sequer um ser que se chama “homem”.

Pequeno e grande coração. Basta ver como nos relacionamentos com os outros. Aqueles a quem amamos, buscamos, cuidamos são também os que evitamos, ignoramos, agredimos com menos temor das consequências, justamente porque nos são íntimos. Os mais íntimos nos parecem também como os mais monótonos. A intimidade nos aborrece. Somos feitos com um coração que não somente se abre a uma alteridade como também que salvaguarda a si mesmo, preocupado com defender, salvar, emancipar a si mesmo; a alteridade – posto que vivida como parceira de respeito e solicitude – é também fonte de ameaça, obstáculo que atrapalha, figura antagonista... Se no grande coração reconhecemos, na espontaneidade humana, um caráter de abertura, no pequeno coração encontramos aí uma nota de fechamento. Se me leio à luz do grande coração, não posso dedicar-me hinos de glória, visto que, no fundo, permanecem as sombras de meu desejar fragmentário, de curto prazo e de baixa interação. Se me redescubro com um pequeno coração

que se retrai em si mesmo, não posso fazer disso uma tragédia, uma vez que o grande coração continua a transmitir as luzes de seu desejar tenaz, de longo prazo e altamente passional. De nascença, não somos nem bons nem maus, nem anjos nem animais.

ACEITAR TAMBÉM O PEQUENO CORAÇÃO

O pequeno coração é pequeno porque nasceu pequeno, e não porque se tornou assim.

Contudo, não nos agrada este ponto de partida. Se temos medo, dizemos que somos ansiosos; se estamos tristes, suspeitamos que estamos deprimidos; se uma criança gosta de ficar sozinha, mandamo-la imediatamente ao psicólogo por suspeita de autismo; se temos um problema, dizemos que estamos em crise.

Consideramos o pequeno coração como um descarrilamento. Preferimos pensar que nasceu de um vírus que se insinuou no único, nosso, natural, grande coração e, paradoxalmente, preferimos dizer que estamos doentes a dizer que somos fracos.

Nós não somos assim magníficos como gostamos de pensar. Mesmo quem tem pouca autoestima, no fundo, no fundo, persegue o sonho de sua magnificência, porque, de outra maneira, não sofreria tanto assim quando visse suas pequenezes em ação. Dispomos de um rico vocabulário para convencer-nos de que a fraqueza não é um dado inicial, mas um vírus infiltrado: sociedade doente, cultura egoísta, niilismo cultural, relativismo pós-moderno, tentação do maligno, trauma infantil, pecado, horóscopo agourento, pais errados, má vontade... Tudo somente para não reconhecer que somos

“simplesmente” humanos. Para conservar a ilusão, constrangemos, inclusive, a mensagem cristã. Apraz-nos pensar que o pequeno coração é mau (deve ser combatido, portanto) e o grande é virtuoso (deve ser inflado, portanto); que o amor a si mesmo é um vício e o amor ao outro, uma virtude; que o perdão é bom e a denúncia má; que os bons pais são os que se desvelam pelos filhos, ao passo que os maus lhes pedem que restituam algo. E desse modo florescem neuroses, ascetes tristes, derrotas descontentes, e travam-se guerras perdidas de saída, porque lhes damos início a fim de tornar-nos o que jamais poderemos ser. Quem disse que o grande coração está – por si só – a nosso favor e funcione sempre de modo brilhante? Quantas violências se fazem e se fizeram em nome dos grandes ideais? E se o pequeno coração busca salvaguardar a si mesmo, por que não deveria fazê-lo? Se não o fizesse, atravessaríamos a rua sem a advertência de olhar se estão passando automóveis a grande velocidade, prontos para triturar-nos.

DUAS CATEGORIAS DE IMPORTÂNCIA

Nossa grandeza não é ter à disposição um grande coração, como não é nossa miséria ter um pequeno coração. O admirável do humano é ter à disposição os dois, ou seja, uma dupla modalidade de funcionamento não conexa com os animais e com os anjos; portanto – em relação a eles – ter uma reatividade à vida mais ampla e diversificada.

Quando começamos a perceber que um objeto nos pode ser caro (qualquer que seja: do mais simples objeto cobiçado em uma loja ao mais comprometedor, como escolher uma profissão ou um estado de vida), temos à disposição duas modalidades de aproximação. Temos a faculdade de

relacionar-nos com ele seguindo dois percursos, duas classes de motivações ou categorias de julgamento. Temos à disposição dois pontos de vista diferentes, dois pontos de observação (esta é a prova psíquica de que o ser humano é dotado de liberdade). Usamos essas “duas categorias de importância” para as escolhas cotidianas (julgamentos de fato), mas, sobretudo, para os juízos de valor e, portanto, para as decisões de vida. Trata-se, em definitivo, de dois modos diferentes de desejar, ou seja, de responder a um objeto que, conforme o ponto de observação que prevalece, assumirá para nós certa importância em vez de outra.²

Deve-se observar que o ponto de vista que usamos pode atribuir ao objeto uma importância que não necessariamente corresponde à importância real que tem por si mesmo: eu posso impregnar de importância excessiva um objeto que não o merece, como quando confio a meu carro a tarefa de exhibir meu prestígio, ou considero meu filho como aquele que deve resgatar os meus insucessos, ou peço a Deus que resolva os problemas que me cabe enfrentar...

Uma categoria de importância segue o critério do “importante para mim” e a outra segue o critério do “importante por si”.³

De acordo com o primeiro modo de fazer funcionar o coração, um objeto é desejável porque agradável e satisfatório para mim, porque realiza ou considero que realize a satisfação de minha necessidade; portanto, no centro da atenção

² Isto vale também para o processo psicológico que se encontra na base de uma decisão vocacional, como a do sacerdócio ou da vida religiosa. Cf. A. Manenti, “I fondamenti antropologici della vocazione”, in *Seminarium* 1 (1996), 21-34.

³ *PeF*, 45-58 (“Os processos da decisão: querer emotivo e querer racional”).

estou eu, e o objeto é funcional ao meu bem-estar (obs.: atenção para não etiquetar esta modalidade como intrinsecamente egoísta!).

No segundo caso, o objeto é desejável porque vale por si mesmo, intrinsecamente, independentemente do efeito que pode produzir em mim, e continua a ser-me caro mesmo se, em alguns aspectos, não me gratifique (obs.: atenção para não etiquetar esta modalidade como intrinsecamente virtuosa!).

A diferença entre as duas categorias de importância é a que existe entre salvar o próprio matrimônio por conveniência e fazê-lo porque, caso contrário, algo de belo se perderia. É a diferença entre salvar a própria saúde porque “morto eu, mortos todos” e salvá-la para continuar a fazer o bem ao próximo. A diferença entre tornar-se padre para sentir-se alguém na vida e fazê-lo porque se sente alguém. É a diferença que há entre amar meu filho porque vai bem na escola e amá-lo porque ele é ele. Ontem, dois amigos foram a um restaurante e narram o encontro; o primeiro: “Se você soubesse quanto comemos! E que pratos saborosos!” (“importante para mim”); o segundo: “Foi um belo encontro; já fazia tanto tempo que não cultivávamos nossa amizade” (“importante por si”).

Os exemplos podem enganar, porque a partir deles se poderia concluir que o “para mim” é egoísta e o “por si” é virtuoso, e assim retornaríamos à ideia de que o limite é miséria e o projeto, nobreza. As duas categorias de importância são igualmente respeitáveis. Casa-se e se permanece casado por amor, mas também por conveniência, e, se já não se vê a conveniência disso, é óbvio que nascem as dúvidas. Vai-se ao restaurante com os amigos, mas também para comer bem. Se faço uma escolha na vida, no final das contas, faço-a porque sinto que é a melhor escolha “para mim”, e, se assim

não permanecer, entrarei em crise mesmo que continue a reconhecê-la válida “por si”. Há um lado útil da vida que é precioso. O ideal seria que o “para mim” e o “por si” trabalhassem em harmonia.⁴

DUAS SENSIBILIDADES

As duas categorias dão origem a dois modos de sentir diferentes (mas igualmente dignos).

O uso da categoria do “importante para mim” produz sentimentos correspondentes que são, precisamente, o produto do “para mim”; portanto, um sentir o objeto como algo que me faz sentir bem. O uso repetido da categoria do “por si” produz igualmente sentimentos que são a reverberação em mim daquilo que vale “por si”; portanto, um sentir que percebe a beleza intrínseca do objeto, dentro da qual eu me alegro por estar imerso.

Na vida, a distinção não é assim nítida, mas se estou um pouco atento ao meu sentir, cedo ou tarde compreenderei se quando digo “te quero bem” estou privilegiando meu bem-estar ou tua amabilidade.

O primeiro sentir é bastante automático e não requer muita formação para ativá-lo: é espontâneo perceber imediatamente se o objeto que toca minha pele está a meu favor ou contra mim, e ainda que me iluda que esteja a meu favor, algo em mim me levará a retirar-me. Se o mecanismo se bloqueia, estamos no masoquismo.

⁴ “Sinto que devo fazê-lo” é a expressão que conjuga bem o que vale “por si mesmo” com o que vale também “para mim”, razão por que se torna absurdo colocar a alternativa: faço-o por opção ou por dever? Cf. VI/2, 100-106 (“O valor como apelo”).

O segundo sentir, ao contrário, exige certa formação. Como capacidade, todos nós a temos, mas não é certo que todos a coloquemos em prática. Para que possam emergir, os sentimentos relativos a algo que é intrinsecamente importante exigem certa capacidade contemplativa ou estática que faz sentir o objeto tal como é, cuja importância não posso mudar, nem a aumentando nem a diminuindo. Cada genitor sabe que amar o próprio filho quando é pequeno é quase espontâneo porque o lactante responde com um sorriso às carícias do genitor; mas continuar a amá-lo quando, já adolescente, se aborrece com as mesmas carícias, especialmente se feitas na presença de seus amigos, amá-lo ainda nesta versão um pouco mais ingrata, exige um pequeno esforço a mais. Contudo, é justamente graças a esta segunda modalidade sentimental que podemos desejar coisas que jamais poderíamos desejar apenas com os sentimentos do “para mim”, a ponto de apreciarmos também coisas que, “à primeira impressão”, não sentimos exatamente assim.

Diversamente dos outros animais, temos, por isso, à disposição, dois registros sentimentais, de modo que, em relação a eles, somos mais ricos.

DUAS PREDISPOSIÇÕES A RESPONDER

O uso repetido – mais ou menos consciente e deliberado – destas duas categorias de importância e os sentimentos correspondentes a elas associados, com os anos, deixam um resíduo, ou seja, predisposições a reagir que se tornam sempre mais costumeiras. À força de repetições, formam-se predisposições habituais a responder de certo modo em vez de outro, inclinações espontâneas a certo modo de sentir, uma sensibilidade a acolher determinados detalhes da realidade

em lugar de outros. Formam-se, portanto, atitudes habituais de vida que – por definição – são, justamente, propensões costumeiras a responder. Formamos nosso caráter, que é a forma pessoal que temos dado à nossa humanidade. Às vezes, o caráter torna-se tão rígido, que não apenas nos inclina a sentir preferencialmente de um modo antes que de outro, mas leva-nos também a excluir totalmente o outro, de sorte a induzir-nos a reagir somente e sempre em modalidade única. Neste caso, o coração humano, capaz de ampla gama de tonalidades afetivas, congelou-se e/ou estreitou-se em algumas modalidades reativas, privando-se de outras. Destarte, uma personalidade paranoica é sensível à suspeita, mas não à confiança; o depressivo priva-se das reações maníacas e o narcisista da liberdade de chorar por si mesmo...

DUAS FONTES ENERGÉTICAS: NECESSIDADES E VALORES

Quais são as forças ou energias que tornam possível e sustentam as duas categorias de importância e as duas sensibilidades?

Remetendo a análise a outra publicação,⁵ podemos sinteticamente responder assim: os dois tipos de sensibilidades são possíveis porque alimentados por dois grupos de energias internas. Estes dois grupos de energias internas alimentam o desejo humano conforme a dupla versão do “importante para mim” e/ou do “importante por si”. Chamamo-los de necessidades e valores. São energias inatas, presentes por natureza. As necessidades são inatas como tendência,

⁵ *PeF*, 59-109 (“Necessidades – atitudes – valores”).

mas também como conteúdo (por exemplo, a necessidade de agressividade sugere conteúdos agressivos e não de harmonia; o de ajudar os outros impele ao altruísmo e não à exploração...). Os valores, ao contrário, são inatos somente como tendência, razão por que a tendência natural a buscar o verdadeiro, o bom, o belo espera ser dotada de conteúdos que a educação e a cultura oferecerão.

Sem fazer distinções demasiado drásticas, pode-se dizer que as necessidades – justamente porque indicam necessidades importantes para o próprio sustento – inclinam a responder aos objetos segundo o “importante para mim”. Os valores – precisamente porque indicam o anseio natural para o que é por si mesmo belo, amável, digno – são as antenas interiores úteis para captar o “importante por si”. Estas duas fontes energéticas constituem as batidas de nosso pequeno grande coração. Um pequeno coração que é “impelido” por necessidades e um grande coração que é “atraído” por valores (obs.: atenção para não etiquetar o impulso como animalesco e a atração como angélica).

DUAS MODALIDADES DE PROJETAR-SE

A lógica da necessidade segue o ritmo de déficit-satisfação-contentamento (modelo da homeostasia). Começa com a percepção de um vazio a ser preenchido, impele a buscar um objeto que o preencha e, uma vez encontrado, volta à tranquilidade anterior. O círculo, portanto, reativa-se fazendo recomençar a dinâmica de déficit-satisfação-contentamento, segundo a lei da compulsão de repetir, com o resultado de que a gratificação recebida – justamente porque repetitiva e sempre mais automática – perde força, razão pela qual a busca se torna sempre mais obsessiva.

A lógica do valor, ao contrário, coloca diante de uma meta que atrai (modelo da homeodinâmica). Diz respeito à aventura que devemos arriscar, ao sonho que precisamos perseguir, à fantasia que é preciso focalizar, à sorte que precisamos tentar. Essa lógica busca algo que ainda não existe e jamais retorna ao ponto de partida. O resultado obtido satisfaz, mas não tranquiliza, porque o mundo dos valores é sempre um passo mais além em relação ao lugar onde nos encontramos: podem ser perseguidos, mas não capturados; são realizáveis, mas inexauríveis; ao prazer da posse se acrescenta a vontade de algo mais e melhor que ainda pode ser intentado e descoberto.⁶

MAS UM ÚNICO CORAÇÃO

Dois categorias de importância, duas sensibilidades, duas predisposições a responder, duas fontes energéticas, duas modalidades de projetar-se... e para cada uma, uma lista infinita de possíveis matizes, nuances, concretizações. O que o coração humano é capaz de produzir, experimentar, inventar, sentir, é quase inesgotável. Cada um de nós, desse rico açude básico, aproveita apenas um pouco, e muito permanece velado, pois ainda adormecido, ou porque o reprimimos, ou porque ainda não está pronto para emergir.

Distinguir não significa separar ou contrapor. Não se busca aquilo que vale “por si” se não vale também “para mim”. O coração é um só. A diversidade de seus componentes integrantes pode fazê-lo emitir um belo canto ou um amontoado de rumores.

⁶ Para a dinâmica desta lógica, cf. VI/1, 59-71 (“O desejo”).